

**O tratamento do autismo na equoterapia**  
***The treatment of autism in therapeutic riding***  
*El tratamiento del autismo en equinoterapia*

Luane Paula de Souza<sup>1</sup>  
Bruna Rotava<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas (PPGEPS) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Especialista em Terapia Manual pela CESUMAR e em Fisioterapia do Trabalho e Ergonomia pela Faculdade de Tecnologia Ibrate. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora dos cursos de Fisioterapia e Tecnóloga em Estética e Cosmética do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP). Supervisora de estágio no curso de Fisioterapia da UNIDEP. **E-mail:** [luane.paula@gmail.com](mailto:luane.paula@gmail.com),  
**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-4446-6924>

<sup>2</sup> Fisioterapeuta graduada pelo Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP). Fisioterapeuta da Clínica Revitta em Pato Branco. Tem experiência na área de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, com ênfase em Fisioterapia. **E-mail:** [brunarotava@hotmail.com](mailto:brunarotava@hotmail.com),  
**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-1292-6292>

**Resumo:** O transtorno do espectro autista (TEA) é um transtorno comportamental, considerado como uma desordem neurobiológica, que leva a alterações na interação social, dificuldade na expressão, na afetividade, afetando a forma como a criança vê o mundo. Definida pela Associação Nacional de Equoterapia (ANDE) como um método terapêutico e educacional, a equoterapia utiliza-se do cavalo como recurso terapêutico e tem como objetivo o desenvolvimento biopsicossocial dos sujeitos. O objetivo deste estudo consistiu em analisar os efeitos da equoterapia no tratamento do autismo. Nesta pesquisa, 4 crianças de ambos os sexos foram avaliadas por meio da aplicação da escala M-CHAT e atendidas por meio da equoterapia. Os resultados obtidos foram satisfatórios em 75% das crianças avaliadas, demonstrando a redução da pontuação na escala M-CHAT. Diante disso, a equoterapia constitui-se uma alternativa promissora de engajamento de crianças e familiares com TEA.

**Palavras-chave:** autismo; equoterapia; cavalo; recurso terapêutico.

**Abstract:** Autism spectrum disorder (ASD) is a behavioral disorder, considered a neurobiological disorder, which leads to changes in social interaction, difficulty in expression, affectivity, affecting the way in which the child sees the world. Defined by the Associação Nacional de Equoterapia (ANDE) as a therapeutic and educational method, therapeutic riding uses the horse as a therapeutic resource and aims to promote the biopsychosocial development of individuals. The aim of this study was to analyze the effects of therapeutic riding in the treatment of autism. Four children of both sexes were assessed using the M-CHAT scale and given therapeutic riding. The results obtained were satisfactory in 75% of the children assessed, showing a reduction in the score on the M-CHAT scale. Therefore, therapeutic riding is a promising alternative for engaging children and families with ASD.

**Keywords:** autism; therapeutic riding; horse; therapeutic resource.

**Resumen:** El trastorno del espectro autista (TEA) es un trastorno del comportamiento, considerado un trastorno neurobiológico, que conlleva cambios en la interacción social, dificultad en la expresión, afectividad, afectando la forma en que el niño ve el mundo. Definida por la Asociación Nacional de Equinoterapia (ANDE) como un método terapéutico y educativo, la equinoterapia utiliza el caballo como recurso terapéutico y apunta al desarrollo biopsicossocial de los sujetos. El objetivo de este estudio fue analizar los efectos de la equinoterapia en el tratamiento del autismo. En esta investigación, se evaluaron 4 niños de ambos sexos mediante la aplicación de la escala M-CHAT y se los atendió mediante equinoterapia. Los resultados obtenidos fueron satisfactorios en el 75% de los niños evaluados, demostrando una reducción en el puntaje en la escala M-CHAT. En vista de esto, la equinoterapia es una alternativa prometedora para involucrar a niños y familias con TEA.

**Palabras clave:** autismo; equinoterapia; caballo; recurso terapéutico.

## **1 INTRODUÇÃO**

As crianças com diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA) possuem uma diversidade de características, as quais englobam alterações nos aspectos sociocomportamentais que levam à necessidade de acompanhamentos por profissionais das áreas da saúde e educação. A estimulação das potencialidades de cada criança com TEA é fundamental para melhor qualidade de vida dessas crianças, bem como de suas famílias.

Nesse sentido, a equoterapia se torna um meio terapêutico aliado ao tratamento e à estimulação de crianças com TEA, pois possui como diferencial uma forma de intervenção que foge do habitual, por pautar sua prática em atividades junto ao cavalo. Nessa abordagem de tratamento, a criança autista será estimulada para a otimização das suas capacidades e redução de fatores estressantes que possam desencadear comportamentos e ações indesejáveis.

Durante as sessões de equoterapia, a criança receberá estímulos que a ajudarão a conviver com as dificuldades observadas em crianças com autismo. Entre elas, temos o estímulo afetivo que o cavalo proporciona, uma vez que é um animal dócil, que aceita afagos e reage a essa interação. Somado a isso, temos os estímulos à mobilidade física que o ato de montar a cavalo desempenha, fato que estimula o desenvolvimento da neuromotricidade, aspecto fundamental para melhor desempenho das habilidades sociais e escolares. Outro aspecto importante a ser considerado na equoterapia é a necessidade de atenção aos comandos e ao manejo com o cavalo, o que contribui de maneira bastante significativa para a necessidade de a criança com TEA superar suas dificuldades em socializar e se expressar com o meio que a cerca.

No ambiente da equoterapia, além da presença do cavalo, os profissionais das áreas da saúde, educação e equitação que integram a equipe de atendimento favorecem todos os estímulos acima citados, por meio de intervenções específicas pertinentes às suas áreas de atuação.

Diante do exposto, percebe-se que a equoterapia é uma técnica que pode trazer muitos benefícios para a criança com TEA. Neste sentido, o problema que norteou esta pesquisa foi: quais são os efeitos da equoterapia

no tratamento do autismo? Para tanto, o objetivo geral foi analisar os efeitos da equoterapia no tratamento do autismo por meio da aplicação da escala M-CHAT.

## 2 ESTADO DA QUESTÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) é um transtorno comportamental, sendo considerado como uma desordem neurobiológica, classificando-se como um transtorno global do desenvolvimento de causa multifatorial, que leva a alterações na interação social, dificuldade na expressão, na afetividade, afetando a forma em que a criança vê o mundo (Schmitt, 2015).

As técnicas mais utilizadas para intervenções terapêuticas em pacientes com autismo são: tratamento e educação para crianças autistas e com distúrbios correlatados da comunicação (TEACCH); análise aplicada do comportamento (ABA); sistema de comunicação por meio da troca de figuras (PECS); integração auditiva (AIT); integração sensorial (SI); e, por fim, relation play (Brito *et al.* 2021).

Como se pode perceber, são diversas as intervenções para o tratamento da criança com TEA, e a equoterapia vem se destacando entre essas técnicas. Conforme dito por Souza e Silva (2015), a atividade da equoterapia proporciona resultados positivos, pois, ao iniciar o tratamento com a equoterapia, a criança inicia-se em um mundo novo e diferente, cheio de possibilidade e oportunidades de estabelecer novos relacionamentos, aprendendo a lidar com as suas limitações, sendo um conjunto de fatores que auxiliam não apenas no desenvolvimento da criança, mas também modificam a rotina, contribuindo para a qualidade de vida, a alegria e o bem-estar da criança. A equoterapia vem sendo cada vez mais utilizada no Brasil, por conta dos ótimos resultados. Essa modalidade de terapia abrange todas as atividades e técnicas que utilizam o cavalo como mediador, em que o foco maior é educar ou reabilitar os pacientes que apresentam deficiência tanto física quanto psíquica. Este animal apresenta-se muito inteligente, pois possui uma boa memória, o que o torna capaz de memorizar lugares, acontecimentos, objetos e pessoas, podendo, inclusive, refletir a maneira como determinado indivíduo o trata (Silva; Lima; Salles, 2018).

Definida pela Associação Nacional de Equoterapia (ANDE) como um método terapêutico e educacional, a equoterapia utiliza-se do cavalo como recurso terapêutico e tem como objetivo o desenvolvimento biopsicossocial dos sujeitos (ANDE-Brasil, 2022).

As terapias utilizando cavalo podem ser consideradas como um conjunto de técnicas reeducativas que agem para superar danos sensoriais, motores, cognitivos e comportamentais, por meio de uma atividade lúdico-desportiva, que tem como meio o cavalo (Citterio, 1991).

A utilização do cavalo para o tratamento, além de sua função cinesioterápica,

produz importante participação no aspecto psíquico, uma vez que o indivíduo usa o animal para desenvolver e modificar atitudes e comportamentos (Gavarini, 1997).

Segundo Oliveira, Fumes e Moura (2015), a equoterapia está baseada na combinação do movimento entre o praticante e o cavalo. Toda essa interação faz com que o cavalo produza os mais variados efeitos nos praticantes, promovendo sinergias funcionais, as quais melhoram a coordenação motora, a autoestima, a autoconfiança e o estímulo dos sentidos, melhorando, assim, a qualidade de vida da pessoa com deficiência.

Para Freire, Andrade e Motti (2005), o aspecto emocional é favorecido pela interação harmônica com o cavalo, propiciando a recuperação do sentido de segurança, autoestima, autonomia, adaptação emocional de um modo geral. A terapia utilizando o cavalo também ajuda na estimulação visual, auditiva e tátil, além de contribuir com a postura do praticante, relaxamento muscular e aumento do tônus muscular. A equoterapia busca amenizar as dificuldades do autista, principalmente na parte social; além disso, procura integrar, sempre que possível, essa criança na família, na escola e na sociedade.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O presente estudo foi realizado com indivíduos já diagnosticados com autismo, caracterizando-se por um estudo de caso, que é definido, segundo Goode e Hatt (1975), como um estudo que permite investigar, em

profundidade, o desenvolvimento, as características e os demais aspectos constitutivos de qualquer unidade social: um indivíduo; um núcleo familiar; um grupo social; uma empresa pública ou particular etc. Na visão desses estudiosos, o estudo de caso permite que se organizem todos os dados de caráter social do objeto estudado e, assim, mantenham-se preservados, de forma íntegra, sua natureza e caráter. Os autores ainda destacam as possibilidades de expandir a investigação dada a flexibilidade, no planejamento e mesmo nos procedimentos, que o estudo de caso permite.

O estudo em questão é de ordem qualitativa. Nas Ciências Sociais, um estudo qualitativo dedica-se à compreensão dos fenômenos sociais e tem o objetivo principal de entender os significados atribuídos, carregados de subjetividades, às pessoas, suas realidades e contextos. Podemos entendê-lo como a tentativa de elaboração de mapas significativos de determinadas realidades sociais. O mapa nunca será a realidade em si. Por isso, não se buscam generalizações desses achados, mas sim o conhecimento em profundidade de determinada situação e fenômeno, perseguindo a construção de mapas plausíveis (Castro, 2019).

A pesquisa foi de natureza exploratória, em que o pesquisador parte de uma hipótese e aprofunda seu estudo nos limites de uma realidade específica, buscando antecedentes, maior conhecimento para, em seguida, planejar uma pesquisa descritiva ou de tipo experimental (Triviños, 1987).

Em relação ao tipo de amostragem, a pesquisa se caracteriza por ser de amostragem não probabilística, que busca fidelidade na obtenção dos dados da pesquisa a ser estudada, mesmo não seguindo as leis da probabilidade; com amostra intencional, em que o pesquisador seleciona o participante que fornecerá os dados para a pesquisa, intencionalmente (Almeida, 2014).

Neste estudo, foi aplicada uma série de exercícios e atividades que, associados com a equoterapia favoreçam as posturas corporais corretas e o contato entre praticante, terapeuta e animal. As sessões foram realizadas no parque de exposições de uma cidade no sudoeste do Paraná, no espaço utilizado para o estágio de equoterapia do curso de Fisioterapia de um centro universitário; elas aconteceram no período vespertino, no horário das 13:30, com a frequência de uma vez na semana, com tempo de duração de 30 minutos cada uma, durante o segundo semestre de 2022. Considerou-se,

para a seleção dos indivíduos da presente pesquisa, que esses deviam estar vinculados à lista de pacientes da clínica-escola de fisioterapia, em que somente os supervisores de estágio têm acesso aos nomes. Os praticantes já estavam frequentando o serviço de fisioterapia disponibilizado pela instituição, assim não acarretando custos para os participantes. Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer de número 5.142.548, o orientador desta pesquisa fez uma ligação para os pacientes da presente lista, explicando sobre a pesquisa e seus objetivos, com seus riscos e benefícios, e convidando-os para a participação. O primeiro paciente que veio a aceitar, e estando de acordo com os critérios de inclusão do presente estudo, foi selecionado para participar, até serem completadas as 4 vagas disponíveis para os atendimentos de equoterapia. Para se realizarem a avaliação e a reavaliação, que ocorreram no primeiro e último dia de atendimento e mensuraram as variáveis da pesquisa, foi utilizado o instrumento de pesquisa Escala *Modified Checklist for Autism in Toddlers* (M-CHAT) versão final em português, conforme anexo.

A escala é composta de perguntas direcionadas aos pais, visando buscar as respostas por meio de observação dos pais durante o dia a dia da criança, desde a realização das tarefas mais simples até a observação de comportamentos sociais. É composta de 23 perguntas, com respostas binárias fechadas de sim ou não.

Para participar do estudo, foi considerado para critério de inclusão: ser portador de autismo já apresentando diagnóstico, nunca ter realizado tratamentos na equoterapia, concordar em participar da atual pesquisa por meio da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, estar inserido na lista de pacientes da clínica-escola e já estar frequentando o serviço da fisioterapia disponibilizado pela instituição, idade de 3 a 9 anos, de ambos sexos, estando disposto a realizar as atividades propostas. Como critério de exclusão, pacientes que tenham realizado tratamentos anteriores na equoterapia ou que apresentem comportamentos agressivos.

Foram realizados exercícios no local da equoterapia, que já conta com materiais e cavalos disponíveis para a realização desses, e os materiais utilizados no tratamento foram disponibilizados pela clínica-escola de fisioterapia.

A seguir, será apresentada a descrição dos exercícios que foram programados aos pacientes, durante os atendimentos de equoterapia, e executados conforme a colaboração das crianças. Salienta-se que as sessões de equoterapia contam ainda com o contato inicial entre o praticante e o animal, sendo este contato por aproximação física e estímulo ao gesto de carinho e afetividade junto ao cavalo. Durante os atendimentos, o tipo de passada executado pelo cavalo foi ao passo, e os exercícios propostos serão listados a seguir.

- Exercício 1: no exercício do avião, o praticante faz abdução dos membros superiores até a altura dos ombros. A posição é mantida por alguns segundos, conforme indicação avaliada pelo profissional responsável.
- Exercício 2: no exercício do trem, os membros superiores são fletidos para frente do corpo do praticante, também na altura dos ombros. Novamente, a posição é mantida conforme o indicado.
- Exercício 3: no exercício do foguete, os membros superiores são elevados acima da cabeça. A posição também será mantida por alguns segundos.
- Exercício 4: dissociação de cintura pélvica montado no cavalo, em que o próprio balanço do passo do cavalo realizará a atividade, aumentando o estímulo ao solicitar rotação de tronco.
- Exercício 5: atividades lúdicas utilizando prendedores de cabelo de diferentes cores. Será solicitado ao paciente que prenda, na crina do cavalo, o prendedor de cor vermelha, azul, amarela e verde, seguindo comandos, o que estimulará a fala e coordenação motora fina.
- Exercício 6: atividade incentivando estímulo verbal e a coordenação motora grossa. O terapeuta dará o comando em que o praticante terá de pegar a argola e entregá-la para o terapeuta que está no outro lado do cavalo, estimulando a fala.
- Exercício 7: atividade de encaixar peças de diferentes formas geométricas e cores com cavalo em movimento; deve-se solicitar que o praticante encaixe o quadrado, triângulo, retângulo e círculo nos seus respectivos lugares, falando as cores.
- Exercício 8: montar com o praticante virado para a anca do cavalo segurando um bambolê.



- Exercício 9: montaria em decúbito ventral.
- Exercício 10: montaria virada para lateral, arremessando uma bola.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como mecanismo de análises dos dados, considerou-se a pesquisa qualitativa, na qual, conforme Gibbs e Flick (2009), a análise dos dados inicia-se ao observar o resultados adquiridos em campo conforme eles são coletados, uma vez que os atendimentos em Equoterapia são dinâmicos e contam com a participação da família em muitos momentos.

O instrumento de avaliação utilizado no presente estudo tem como objetivo o rastreio de sinais iniciais de autismo, sendo o único instrumento traduzido para a língua portuguesa e recomendado pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2014); porém, conforme Seize e Borsa (2017), a identificação precoce pode direcionar para terapias que possibilitem o melhor desenvolvimento de crianças com TEA. Nesse sentido, a escala M-CHAT foi utilizada no presente estudo como um norteador das características presentes em crianças já diagnosticadas com TEA, comparando-se o escore antes e pós-intervenção de equoterapia.

Participaram do estudo 4 crianças com diagnóstico de TEA, duas do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades entre 4 e 9 anos. Durante os atendimentos, pode-se observar a melhora na interação social de todas as crianças, além do relato dos pais em relação à socialização das crianças na escola.

Em relação a essa percepção dos pais em aspectos de interação social e escolar, houve concordância com o trabalho apresentado por Borgi *et al.* (2016), no qual os autores relataram que a terapia assistida por cavalos consegue bons resultados em aspectos de vários domínios relacionados aos aspectos motores, cognitivos e sociais, os quais são necessários para o melhor desempenho das crianças com TEA no ambiente escolar.

Para preservar a identidade das crianças, apresentam-se agora os resultados da escala M-CHAT, substituindo-se o nome completo da criança pela sua correspondente letra inicial, conforme a seguir.

Praticante G apresentava a pontuação de 4 na escala M-CHAT na avaliação inicial e 3 pontos na escala na avaliação final. Ressalta-se que esta

criança não pontuava em nenhum ponto crítico na escala, porém a pergunta do questionário na qual se observou a mudança versava sobre “O seu filho olha para coisas que você está olhando?”, demonstrando que a criança pode ter desenvolvido uma melhor interação e interesse pelo meio que a cerca.

No que diz respeito ao interesse pelo ambiente que o cerca, O’Haire (2017), Yap, Scheinberg e Williams (2017) relatam, em seus estudos, que a terapia com cavalos parece despertar interesses e facilitar a formação de vínculos afetivos de uma forma mais genuína se considerarmos as dificuldades de interação com seres humanos envolvidas em algumas das pessoas com TEA.

Na presente pesquisa, bem como na pesquisa de Lanning *et al.* (2014), os pesquisadores encontraram melhoras nas habilidades motoras, comportamento adaptativo e socialização de crianças autistas por meio de um programa padronizado de terapia assistida por equinos.

Praticante A apresentou 13 pontos na avaliação inicial na escala M-CHAT, nas quais 4 estavam nos itens considerados críticos, e permaneceu com a mesma pontuação na avaliação final. Esse resultado pode estar relacionado ao número menor de sessões em equoterapia que esta criança participou, por conta de intercorrências climáticas (chuva ou muito frio) que não permitiram o atendimento junto ao cavalo. Mesmo não havendo mudança na aplicação da escala M-CHAT, a família relata que a criança demonstrou uma melhora nos aspectos da autoconfiança.

Conforme Petty *et al.* (2017), em seu estudo que tinha por objetivo expor as mudanças no comportamento social de crianças com TEA, foram necessárias pelo menos quatro sessões para que as contribuições da intervenção pudessem ser observadas.

Para Axpe *et al.* (2023), a melhora foi observada nas poucas semanas de início do tratamento, indicando, em geral, a 5ª ou 6ª semana como o tempo, apesar de os atendimentos terem sido em menor número e a escala ter sido a mesma, no presente estudo, a mãe relatou o aspecto de autoconfiança como fator positivo pós-intervenção.

Ainda relacionado com a autoconfiança, mesmo com poucas intervenções, pode-se perceber melhora da postura corporal da criança após montar no cavalo. Conforme Gowen e Hamilton (2013), apesar das deficiências

motoras não serem incluídas como uma característica central do TEA, a pouca interação social e o desinteresse por atividades de brincar que estimulem os aspectos físicos podem ter um impacto negativo na qualidade de vida das crianças com TEA.

Ainda em relação aos poucos atendimentos devido a interperies climáticas, a dificuldade na consistência dos dados coletados em virtude da especificidade da intervenção também fez parte do trabalho de O’Haire (2017), em que são citadas algumas limitações para a realização das intervenções assistidas por animais (IAA) decorrentes da falta de padronização das intervenções, fato que dificulta a padronização do estudo e até mesmo a comparação dos resultados.

De forma geral, o início das atividades em equoterapia, na presente pesquisa, corrobora Potrich *et al.* (2021), que dizem que os objetivos das primeiras sessões de um programa de IAA podem ser apenas de aproximação, sensibilização e criação de vínculo e confiança da criança com o animal e os profissionais envolvidos, promovendo uma possibilidade de estímulo da autoconfiança citada pela mãe.

Praticante T apresentava 9 pontos na escala M-CHAT; desses, 2 itens se enquadravam nos pontos críticos. Após o término da pesquisa, a criança obteve 3 pontos na escala M-CHAT, sendo que os itens considerados críticos, “O seu filho imita você? (ex.: você faz expressões/caretas e seu filho imita?)” e “O seu filho responde quando você chama ele pelo nome?”, obtiveram resposta satisfatória na avaliação final. Sugere-se que essas mudanças sejam muito positivas para a interação e o desenvolvimento da criança com TEA; ressalta-se ainda que essa criança foi a primeira a iniciar as atividades de equoterapia durante o desenvolvimento da pesquisa. Essa melhora pode estar relacionada ao fato de que, conforme os autores Harris e Williams (2017), a terapia com cavalos demonstra ser adequada em reduzir ansiedade de crianças com TEA porque o movimento rítmico, suave e balanceado do cavalo ao se deslocar ao passo harmoniza a relação que a criança tem com seu próprio corpo e sua forma de interação com o ambiente.

Praticante N apresentava 7 pontos na escala M-CHAT, sendo dois em itens considerados como críticos. Na avaliação final, apresentou 5 pontos com os itens considerados como críticos, “Seu filho tem interesse por outras

crianças?” e “Se você aponta um brinquedo do outro lado do cômodo, o seu filho olha para ele?”, como pontos de mudança nas avaliações. Sugere-se que esses itens tenham demonstrado a melhora da capacidade de interesse e socialização por parte da criança. Conforme estudo de O’Haire (2017), o interesse por intervenções que utilizem animais junto a crianças com TEA vem crescendo, pois a observação prática tem demonstrado que a terapia com certos animais desperta a participação e o engajamento social nessas crianças.

Para Gomes *et al.* (2020), o estabelecimento de vínculos com o animal, independentemente do tipo de terapia assistida por animais, é de grande valia para o desenvolvimento físico, psico, emocional e social de crianças com TEA. Na presente pesquisa, pode-se observar melhora em alguns desses aspectos, principalmente quando se dá atenção à fala dos pais e familiares que acompanham o dia a dia das crianças.

Em relação aos resultados encontrados na presente pesquisa, consideram-se fatores como a diversidade das características próprias do TEA, bem como da multiplicidade de fatores envolvidos em uma sessão de equoterapia como um desafio para a equiparação de intervenções, concordando com autores como Craig *et al.* (2008), Yap, Scheinberg e Williams (2017) e O’Haire (2017), que consideram as Terapias Assistidas por Animais como intervenções complexas nas quais o comportamento dos indivíduos que recebem a intervenção, a variabilidade das sessões e o grau de adaptabilidade para cada indivíduo pesquisado são variáveis que dificultam a padronização de pesquisas envolvendo a equoterapia.

Corroborando os aspectos positivos encontrados na equoterapia e a interação social das crianças com TEA, Ghorban *et al.* (2013) e Holm *et al.* (2014) dizem que, apesar de não ser claro qual aspecto da equoterapia está relacionado às melhoras nos campos da interação social, tem-se cogitado o fato de que a atividade com cavalos exige uma interação não verbal e atenção constante por parte das crianças com TEA, no intuito de controlar e se relacionar com o cavalo, contribuindo, assim, para habilidades básicas na interação social.

Por fim, os autores Llambias *et al.* (2016) citam que um aspecto que parece favorecer o efeito positivo do tratamento com equoterapia é o fato

de que as atividades de convivência e manejo com o cavalo parecem estimular a sensação de prazer diante de novas tarefas e novos desafios, o que pode transpor para o cotidiano dos autistas a capacidade de lidarem com situações diversas sem causar-lhes tanta sensação de inquietude.

Em relação aos benefícios apontados na presente pesquisa, cabe ressaltar o que nos dizem Axpe *et al.* (2023), que, embora os estudos reflitam benefícios que contribuem para aumentar a autonomia de crianças e adolescentes com TEA, não se pode considerar que a equoterapia ou terapia assistida por animais possa constituir uma terapia isolada para as crianças com TEA, e sim ser mais uma aliada na estimulação dessas crianças na busca pela melhora na qualidade de vida das pessoas envolvidas.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A estimulação de crianças com TEA constitui-se um desafio às famílias e à sociedade em geral, visto que as habilidades comunicativas e de interação são muito importantes para o pleno desenvolvimento biopsico-social dessas crianças. Diante desse desafio, a equoterapia constitui-se uma alternativa promissora de engajamento de crianças e familiares com TEA. Percebe-se, pela presente pesquisa e tantos outros estudos correlatos, que os benefícios nas esferas sociais e comportamentais são evidenciados; entretanto, há a necessidade de se aplicarem escalas de acompanhamento do desenvolvimento de crianças com TEA.

Embora esta pesquisa aponte para a melhora da interação e o ganho de autoestima, a necessidade de padronização do estudo é um fator que não permite concluir que os efeitos observados sejam pertinentes à aplicação da equoterapia em si. Acredita-se que, por meio de uma abordagem qualitativa e de acordo com o relato das famílias envolvidas, houve aspectos muito positivos diante da estimulação das crianças participantes com a equoterapia.

Salienta-se que, com a presente pesquisa, a equoterapia pode ser benéfica para o desenvolvimento e a qualidade de vida de crianças com TEA, mostrando-se como uma alternativa complementar que se soma aos diversos estímulos terapêuticos aos quais as crianças devem ser direcionadas.

Apesar de a escala M-CHAT ser um instrumento para rastreio precoce de sinais de TEA em crianças de 16 a 30 meses, sugere-se que os indicadores de desenvolvimento neuropsicomotor constantes nela possam ser considerados como parte do processo de acompanhamento e evolução do desempenho na busca pela qualidade de vida de crianças e familiares de pessoas com TEA.

Recomenda-se que o estudo considerando a escala M-CHAT e a intervenção pelo método de equoterapia possa ser aplicado para acompanhamento dos sinais e sintomas de TEA a uma população maior, bem como em estudos com abordagem transversal para melhor entendimento dos resultados.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. S. *Elaboração de projeto, TCC, Dissertação e Tese: uma abordagem simples, prática e objetiva*. São Paulo: Atlas, 2014. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597025927/>. Acesso em: 8 out de 2021.

ANDE-BRASIL. Associação Nacional de Equoterapia. Equoterapia. *ANDE-BRASIL*, Brasília, 2022. Disponível em: [http://equoterapia.org.br/articles/index/articles\\_list/138/81/0](http://equoterapia.org.br/articles/index/articles_list/138/81/0). Acesso em: 17 jun. 2023.

AXPE, I.; ESTIBALIZ, R.; OIHANE, F.; ARANTZAZU, R. Actividades asistidas con caballos para acompañar a personas menores con trastorno del espectro autista. Revisión bibliográfica. *Revista Electrónica Educare, [s.l.]*, v. 27, n. 1, p. 1-20, jan./abr. 2023.

BORGI, M. *et al.* Effectiveness of a standardized equine-assisted therapy program for children with autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders, [s.l.]*, v. 46, n. 1, p. 1-9, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-pessoa-com-deficiencia/publicacoes/diretrizes-de-atencao-a-reabilitacao-da-pessoa-com-transtornos-do-espectro-do-autismo.pdf/view>. Acesso em: 2 nov 2023.

BRITO, H. K. M.; MENDES, N. B.; LIMA, G. T.; PIRES, A. J. S.; CRUZ, W. V.; VARGAS, G. L. M.; COSTA, N. S.; RABELO, N. N. O impacto da terapia cognitivo-comportamental

no transtorno do espectro autista / The impact of cognitive-behavioral therapy on autistic spectrum disorder. *Brazilian Journal of Health Review*, São José dos Pinhais, v. 4, n. 2, p. 7902-910, 2021. Doi: <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n2-323>

CASTRO, S. P. D. *Trabalho de conclusão de curso: uma abordagem leve, divertida e prática*. São Paulo: Saraiva, 2019. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788571440708/>. Acesso em: 12 out. 2021

CRAIG, P.; DIEPPE, P.; MACINTYRE, S.; MITCHIE, S.; NAZARETH, I.; PETTICREW, M. Developing and evaluating complex interventions : The new Medical Research Council guidance. *BMJ*, [s.l.], 337, p. 979-83, 2008. Doi: <https://doi.org/10.1136/bmj.a1655>

CITTERIO, N. D. História da terapia através do cavalo na Itália e no mundo. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANDE (NEq.), 1., Brasília. *Anais [...]*. Brasília: ANDE-Brasil, 1991.

FREIRE, H. B. G.; ANDRADE, P. R.; MOTTI, G. S. Eequoterapia como recurso terapêutico no tratamento de crianças autistas. *Multitemas*, Campo Grande, MS, n. 32, 2005. Disponível em: <https://www.multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/709>. Acesso em: 11 out. 2021.

GAVARINI, G. Aspectos teóricos da reabilitação eqüestre. In: MOURA, W. (Coord.). *Coletânea de artigos traduzidos pela equipe do Programa de Equo-terapia do Pará*. Pará: ANDE-Brasil, 1997.

GHORBAN, H.; SEDIGHEH, R.; MARZIEH, G.; YAGHOOB, G. Effectiveness of therapeutic horseback riding on social skills of children with autism spectrum disorder in Shiraz, Iran. *Journal of Education and Learning*, [s.l.], v. 2, n. 3, p. 79-84, 2013. Doi: <http://dx.doi.org/10.5539/jel.v2n3p79>

GIBBS, G.; FLICK, U. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Bookman, 2009. [E-book]. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536321332/>. Acesso em: 6 mar. 2023.

GOMES, E. S.; VIEIRA, I. S.; SILVA, K. F.; TEIXEIRA, T. K. S.; MESQUITA, K. S. F.; MELO, G. B. Desenvolvimento das habilidades sociais em crianças autistas que possuem contato com animais. *Caderno de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde - UNIT - ALAGOAS*, Farolândia, v. 6, n. 2, p. 101, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitbiosauade/article/view/7493>. Acesso em: 20 ago. 2023.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Nacional, 1975.

GOWEN, E.; HAMILTON, A. Motor abilities in autism: a review using a computational context. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, [s.l.], v. 43, n. 2, p. 323-44, 2013.

HARRIS, A.; WILLIAMS, J. M. The impact of a horse riding intervention on the social functioning of children with autism spectrum disorder. *International journal of environmental research and public health*, [s.l.], v. 14, n. 7, p. 1-19, 2017. Doi: <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph14070776>

HOLM, M. B.; BAIRD, J. M.; KIM, Y. J.; RAJORA, K. B.; D'SILVA, D.; PODOLINSKY, L.; MAZEFSKY, C.; MINSHEW, N. Therapeutic horseback riding outcomes of parent-identified goals for children with autism spectrum disorder: an ABA' multiple case design examining dosing and generalization to the home and community. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, [s.l.], v. 44, n. 4, p. 937-47, 2014. Doi: <http://dx.doi.org/10.1007/s10803-013-1949-x>

LANNING, B. A.; BAIER, M. E. .M.; IVEY-HATZ, J.; KRENEK, N.; TUBBS, J. D. Effects of equine assisted activities on autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, [s.l.], v. 44, p. 1897-907, 2014. Doi: <https://doi.org/10.1007/s10803-014-2062-5>

LLAMBIAS, C.; MAGILL-EVANS, J.; SMITH, V.; WARREN, S. Equine-assisted occupational therapy: Increasing engagement for children with autism spectrum disorder. *The American Journal of Occupational Therapy*, [s.l.], v. 70, n. 6, 2016. Doi: [10.5014/ajot.2016.020701](https://doi.org/10.5014/ajot.2016.020701)

OLIVEIRA, H. Q.; FUMES, N. L. F.; MOURA, V. A .D. Relato de experiência: as intervenções terapêuticas da Equoterapia em pessoas com deficiência. In: ENCONTRO ALAGOANO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 6.; ENCONTRO NORDESTINO DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR, 1., Alagoas. Anais [...]. Alagoas: UFAL, 2015. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/ojs2-somente-consulta/index.php/eaiei/article/view/2163>. Acesso em: 4 abr. 2023.

O'HAIRE, M. E. Research on animal-assisted intervention and autism spectrum disorder, 2012–2015. *Applied Developmental Science*, [s.l.], v. 21, n. 3, p. 200-16, 2017. Doi: <https://doi.org/10.1080/10888691.2016.1243988>

PETTY, J. D.; PAN, Z.; DECHANT, B.; GABRIELS, R. L. Therapeutic horseback riding crossover effects of attachment behaviors with family pets in a sample of children with autism spectrum disorder. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, [s.l.], v. 14, n. 3, p. 256, mar 3, 2017. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/14/3/256>. Acesso em: 10 dez 2022.



POTRICH, T.; NITSCHKE, R. G.; MARQUES, M. I. D.; VIEGAS, S. M. F. Programa de intervenções assistidas por animais para crianças com transtorno do espectro autista. *Revista de Enfermagem Referência*, Coimbra, série 5, n. 7, 2021. DOI: 10.12707/RV20153

SCHMITT, J. F. *Terapia assistida por animais e pessoas com transtorno do espectro autista: uma revisão*. 2015. Tese. (Doutorado em Equoterapia)- Universidade de Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <http://tconline.utp.br/media/tcc/2015/09/TERAPIA>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SEIZE, M. M.; BORSA, J. C. Instrumentos para Rastreamento de Sinais Precoces do Autismo: Revisão Sistemática. *Psico-usf*, Campinas, v. 22, n. 1, p. 161-76, 2017. Doi: <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220114>

SILVA, A. S. M. D.; LIMA, F. P. S. D.; SALLES, R. J. Vínculo afetivo de crianças autistas na equoterapia: uma contribuição de winnicott. *Boletim-academia paulista de psicologia*, São Paulo, v. 38, n. 95, jul./dez. 2018

SOUZA, M. B.; SILVA, P. L. N. Equoterapia no tratamento do transtorno do espectro autista: a percepção dos técnicos. *Revista Ciência e Conhecimento*, [s.l.], v. 9, n. 1, p. 4-22, 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em: <http://hugoribeiro.com> hyperlink [http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/trivinos-introducao-pesquisa-em\\_ciencias-sociais.pdf](http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/trivinos-introducao-pesquisa-em_ciencias-sociais.pdf). Acesso em: 11 out. 2021.

YAP, E.; SCHEINBERG, A.; WILLIAMS, K. Attitudes to and beliefs about animal assisted therapy for children with disabilities. *Complementary Therapies in Clinical Practice*, [s.l.], v. 26, p. 47-52, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1744388116301852>. Acesso em: 23 ago. 2023.

